

NOVAS CONQUISTAS E OUTROS GALEÕES:
BREVE HISTÓRIA DE NAVEGAÇÕES EM MARES DE PAPEL

Paulo Motta OLIVEIRA

UFMG

Lá onde escoa o Tejo, os Escultores
De entre a água erguerão altos
heróis,
Poetas, Santos e Navegadores
(...)
Eu confio em ti, reza d'Heróis
E confiar em ti, não é vaidade
Vossos nomes de bronze são faróis
Que luz darão, à nossa tempestade.
António Nobre¹

Durante nove meses, Teixeira de Pascoaes e António Sérgio se digladiaram em uma das mais famosas polémicas portuguesas do primeiro quartel do século XX. O confronto ocorreu nas páginas da segunda série de *A águia*, tendo tido início no n.º 22 dessa revista, de outubro de 1913, e só terminando no n.º 31, de junho de 1914. Se já em outro momento estudamos de forma detida essa controvérsia, neste artigo pretendemos analisar outros aspectos do confronto entre o autor dos *Ensaíos* e os saudosistas. Articulando algumas idéias apresentadas parcialmente em textos que publicamos, centraremos aqui nossa atenção em um aspecto fundamental para as propostas saudosistas - o papel das navegações – buscando fazer uma breve história desse tema

¹ Nobre, 1945, p.112.

ao longo do século XIX, para, a seguir, analisar como ele é incorporado pelos saudosistas e questionado em dois poemas de Sérgio².

I- O tempo das navegações

Pensar nas formas díspares como António Sérgio e os saudosistas analisaram as navegações é debruçar-se sobre uma questão mais ampla, que percorre todo o século XIX e o início do XX em Portugal: o da situação presente do país e do papel que as navegações e descobertas, ocorridas nos séculos XV e XVI, poderiam ter nesse presente. De fato, a questão nacional percorre o segmento mais significativo das produções literárias, históricas e ensaísticas produzidas em Portugal, no período que vai do vintismo ao Estado Novo. Existe, em vários textos desse período, uma esperança no futuro do país que se concilia com uma visão negativa do presente. Essa união, expressa de forma matricial no *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa* de Almeida Garrett, acaba por atravessar textos tão díspares como as *Cartas da história de Portugal* de Alexandre Herculano, o *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos* de Antero de Quental, a *História da civilização ibérica* de Oliveira Martins e o "San Gabriel" de Camilo Pessanha, aos quais voltaremos a nos referir, e também pode ser encontrada na expectativa demasiadamente otimista, quase *milagrosa*, que é depositada no advento da República, no final do século XIX e no

² Estudamos a polémica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes em Oliveira, 1995, p. 217-364. As idéias, já parcialmente apresentadas, e aqui retomadas encontram-se em Oliveira, 1996; Oliveira, 1997 e Oliveira, 1998.

início do XX. Existe uma esperança que é sempre um pouco desmedida, para além daquilo que, *racionalmente*, poder-se-ia esperar que ocorresse, que se articula com a idéia de *decadência*, também ela recorrente, para a qual são formuladas múltiplas e variadas propostas de superação.

É no interior dessa problemática mais ampla que situam-se os vários olhares que as *navegações* receberam nesse período. De início, duas visadas sobre esse tema são fundamentais, as de Alexandre Herculano e o de Antero de Quental, pois ambos tenderam, por motivos apenas em parte diversos, a ter uma visão bastante negativa desse fenômeno.

Alexandre Herculano, na quinta das *Cartas sobre a história de Portugal*, publicada em 1842 na *Revista universal lisbonense*, tendeu a ver nas descobertas e navegações o efeito das atividades de um princípio monárquico já vitorioso, e, por isto, socialmente estéril (Herculano s.d. (b), p.154-5). Nessa epístola, opondo-se ao que considerou efeito de “estudo superficial e irrefletido” – a visão do “século décimo-sexto como a verdadeira era da grandeza nacional” (Herculano, s.d. (b), p.129) – aponta que a *real era de grandeza* ocorreu em outro período: “a virilidade moral da nação portuguesa completou-se nos fins do século XV, e a sua velhice, devia começar imediatamente” (Herculano, s.d. (b), p.131). Nessa perspectiva, o esplendor do século XVI se deve a uma geração que “foi educada pelo século anterior”, e, em vista disso, “O século décimo-sexto nada mais fez que aproveitar a herança da Idade Média” (Herculano, s.d. (b), p.134).

Para Herculano a história de Portugal, e de toda a Europa, durante o período medieval, pode ser considerada como “o largo e custoso labor

(...) para transformar a unidade do império romano na individualidade dos povos modernos. (...) O restabelecimento da variedade sobre as ruínas da unidade absoluta é o grande princípio que a meu ver a Idade Média representa” (Herculano, s.d. (b), p.142-143). Foi justamente a variedade e a independência, fundamentais no caráter dos homens da Idade Média, que desapareceu com a consolidação da monarquia absoluta. Se durante o período medieval o elemento monárquico ainda tem uma ação “enérgica, civilizadora, progressiva”, “Obtido o triunfo, assemelha-se a todos os vencedores: degenera e corrompe-se nos ócios da vitória” (Herculano, s.d. (b), p.154). É essa monarquia corrompida que promove as navegações, usando as energias da última geração ainda educada no período anterior. O poderio, por mais que grandioso, é apenas aparente, e a monarquia, por suas características intrínsecas, acabará por perdê-lo: “no lugar da ordem põe a servidão; em vez do repouso da paz produz a quietação do temor; à moralidade substitui a corrupção dos costumes. Pervertida a índole nacional, enfraquecida a energia interior do povo, o poderio exterior começa a desmoronar-se logo” (Herculano, s.d. (b), p.155).

Todo esse discurso não é, como poderia parecer, apenas uma reflexão sobre o passado. Como notou Eduardo Lourenço, o passado interessa para Herculano como uma forma de entender e atuar sobre o seu tempo (Cf. Lourenço, 1982). Também aqui é, de fato, o presente que norteia suas reflexões. Para o autor de *Eurico o seu tempo*, em Portugal, caracteriza-se por uma retomada de certas características do período medieval, já que voltavam a ocorrer as lutas pela independência que haviam então existido:

O renascimento (...) foi a restauração completa da unidade como princípio dominador e exclusivo, salva a distinção das nacionalidades, que ficou subsistindo. (...) O que são as revoluções políticas do nosso tempo? São um protesto contra o renascimento; uma rejeição da unidade absoluta; uma renovação da tentativa para organizar a variedade" (Herculano, s.d. (b), p.3-4).

Podemos, a partir do acima apontado, perceber os motivos que levam Herculano a ver as navegações como fruto de um *espírito monárquico já estéril*. Na sua concepção da história de Portugal não existiria nenhuma relação entre o período das navegações e o seu presente. Este seria muito mais próximo da Idade Média, e, por isso, as navegações são, para ele, apenas um acontecimento que não mais teve prosseguimento na história do país. No raciocínio histórico de Herculano, o estudo do período das navegações é inútil, o que viria a ser confirmado na sua *História de Portugal*, em que, por sinal, será analisado apenas o período que vai "Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III" (Herculano, s.d. (a), p.3).

Quando, quase trinta anos depois, Antero de Quental proferir, em 27 de maio de 1871, a *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos*, desdobrará, levando às últimas conseqüências, alguns aspectos já presentes nos raciocínios de Herculano. Como sabemos, nessa conferência, o autor dos *Sonetos* considera que a decadência da península, a partir do século XVII, só pode ser explicada se buscarmos as suas causas no século XVI. Esse raciocínio mostra que Antero é tributário das *Carta* que atrás analisamos. Mas existem diferenças importantes entre os raciocínios desses dois escritores. De início é importante assinalar que se duas das três *causas da decadência* já haviam sido apontadas pelo autor de *Eurico*, o absolutismo e as

navegações, o mesmo não ocorre com a terceira, o Concílio de Trento. Além disso, a segunda - as navegações -, que particularmente aqui nos interessa, aparece, no texto de Herculano, muito mais como uma consequência do absolutismo, do que propriamente como uma causa que ajudara à decadência. Sobre a transformação das navegações em uma *causa da decadência*, devemos notar que o próprio Antero mostra, em sua conferência, como é delicado o assunto:

Há dois séculos que os livros, as tradições e a memória dos homens, andam cheios dessa epopeia guerreira, que os povos peninsulares, atravessando oceanos desconhecidos, deixaram escrita por todas as partes do mundo. Embarcaram-nos com essas histórias: atacá-las é quase um sacrilégio. E todavia esse brilhante poema em acção foi uma das maiores causas da nossa decadência. É necessário dizê-lo, em que pese aos nossos sentimentos mais caros de patriotismo tradicional. Tanto mais que um erro económico não é necessariamente uma vergonha nacional. No ponto de vista heróico, quem poderá negá-lo? foi esse movimento das conquistas espanholas e portuguesas um relâmpago brilhante, e por certos lados sublime, da alma intrépida peninsular. A moralidade subjetiva desse movimento é indiscutível perante a história: são do domínio da poesia, sê-lo-ão sempre, acontecimentos que puderam inspirar a grande alma de Camões. A desgraça é que esse espírito guerreiro estava deslocado nos tempos modernos: as nações modernas estão condenadas a não fazerem poesia, mas ciência. (Quental, 1982, p.285-6)

Termos como *brilhante poema de acção, um relâmpago brilhante, e por certos lados sublime* mostram bem com que cuidado Antero tenta fazer o que ele mesmo qualifica como *quase um sacrilégio*. Existe, inegavelmente, uma grande distância entre mostrar a inutilidade das conquistas e apontá-las como uma das causas da decadência. Para, porém, perceber o significado profundo dessa postura, é

importante relacionar esse trecho com um outro, já quase no fim da conferência: "Que é pois necessário para readquirirmos o nosso lugar na civilização? para entrarmos outra vez na comunhão da Europa culta? É necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado." (Quental, 1982, p.294). Esse trecho mostra que, para Antero, a única forma de Portugal recuperar o seu *lugar na civilização* seria quebrando *resolutamente com o passado*, ou seja, renegando aquelas características que, por mais que fossem fruto das causas apontadas, eram também o que constituía a identidade nacional. Negar as descobertas e, junto com elas, as características tradicionais do país, era considerar que Portugal só teria saída se conseguisse se inventar *outro*, se alterasse radicalmente o que era e o que antes havia sido, refazendo-se à imagem e semelhança da Europa culta, da qual, então, passaria a fazer parte.

Existe, nessa conferência, como podemos notar, não apenas uma interpretação nova da história de Portugal, o que, em certa medida, Herculano já havia feito, mas uma tentativa de alterar radicalmente a face do país, um desejo de transformá-lo no que de mais moderno, em termos econômicos e sociais, existia então na Europa³. Mas, apesar

³ Pelo que acima dissemos, não podemos concordar com Joel Serrão, que afirmou: "As inovações anteriores cingem-se na essência, por um lado, à generalização à Península Ibérica da problemática da decadência, e, por outro, à ideia-força que por então o movia e comovia e empolgava, a saber 'o novo mundo industrial do socialismo, a quem pertence o futuro.'" (Serrão, 1982, p.21). Como vimos, não é apenas a adesão ao socialismo e a generalização para a Península Ibérica que diferenciam a conferência de Antero do que havia sido formulado por Herculano.

Além disso, se pensarmos nesse desejo de rasurar de forma radical a face do país, podemos entender por que António Quadros se refere à geração de 70 como "um grupo de jovens intelectuais insatisfeitos, europeístas e estrangeirados" (Quadros, 1989, p.57), ou por que Lourenço afirma: "Nas famigeradas *Conferências do Casino* e no que delas se seguirá, não é apenas a mera realidade *histórico-política* de Portugal que vai ser questionada ou quem questiona os actores das Conferências: é a *totalidade do seu*

dessas diferenças, o confronto dos raciocínios de Antero e Herculano mostra-nos que os dois partilham de uma mesma concepção, a de que o tempo das navegações não pode trazer nenhum aspecto positivo para o seu presente. O Portugal que Herculano enxerga, e o que Antero deseja, é um Portugal imerso em um tempo distinto do das navegações: para o primeiro um tempo que, em certo sentido, retoma as lutas que existiam na Idade Média; para o segundo, um tempo europeu, para o qual o espectro das navegações é um estorvo. Inúteis para o primeiro, prejudiciais para o segundo, as navegações são negadas não pelo que foram, mas pelo que ainda são ou pelo que não podem vir a ser.

Será justamente esse aspecto que será visto de uma nova forma por um companheiro de geração de Antero, Oliveira Martins. Em 1879 este autor publicará a *História da civilização ibérica* e a *História de Portugal*. Será no início da última dessas obras que Martins explicitará a diferença existente entre elas:

Na *História da civilização ibérica* tratamos de estudar o sistema de instituições e de idéias da sociedade peninsular, para expor a sua vida coletiva orgânica e moral. Tomamos aí a sociedade como um indivíduo, e procuramos retratá-lo física e moralmente. Agora o nosso propósito é diverso. (...)

Metade da história portuguesa está (...) escrita na *História da civilização ibérica*: a metade que trata da vida da sociedade como um ser orgânico. (...)

Resta fazer a segunda metade: resta caracterizar o que há de particular na história portuguesa; resta fazer viver os seus homens e representar de um modo real a cena em que se agitam: tal é o programa deste livro. (Martins, s.d., I, p.14).

ser histórico-cultural. O sentido da nossa aventura passada aparece aos olhos de alguns jovens impressionados com os ecos tardios da revolução técnica e ideológica da Europa, como problemático.” (Lourenço, 1982, p.95-96)

No fim da *História da civilização ibérica* – ao falar do possível futuro desse ser orgânico que, um dia, havia construído uma cultura própria, e que em seu presente passava por um processo de decomposição – existe um trecho importante para a questão que aqui estamos tratando:

Nós acreditamos firme e diremos até piamente (...) na futura organização das nações da Europa; cremos portanto em uma vindoura Espanha mais nobre e mais ilustre ainda do que foi a do século XVI. Acreditamos também que já hoje navegamos na viagem para este porto, embora os nevoeiros conturbem as vistas dos nautas agora que apenas acabamos de largar as costas do velho mundo. Que papel destina o futuro à Península, e qual será a fisionomia dessas idades vindouras? A história não é profecia; mas o estudo das idades passadas deixa entrever muitas vezes as probabilidades futuras; e, quando, através de todas as crises, no meio dos ambientes mais sistematicamente adversos, observamos que o heroísmo peninsular soube vencer tudo com a sua indomável energia, somos levados a crer que o papel dos apóstolos das futuras ideias está reservado aos que foram os apóstolos da antiga ideia católica. A independência dos caracteres individuais e a nobreza do carácter coletivo deram e hão-de dar à Espanha, quando os seus áureos tempos voltarem, esse aspecto monumental e soberano que a distingue no mundo.(...)
Daqui por séculos, alguém, ao declinar do sol dessa futura idade (...) fará para a vindoura Espanha o que nós acabamos de fazer com amor, para a Espanha do passado. (Martins, 1973, p.338-339)⁴

⁴ Esse trecho responde, de forma indireta, a certas perguntas, com que se fecha o *História de Portugal*, que abaixo reproduzimos:

“Continua ainda a decomposição nacional, apenas interrompida de um modo aparente pelas ideias revolucionárias e pela restauração das forças econômicas fomentadas pelo utilitarismo universal? Ou presenciamos um fenômeno de obscura reconstituição, e sob a nossa indecisa fisionomia nacional, sob a nossa nudez patriótica, sob a desesperança que por toda a parte ri ou geme, crepitará latente e ignota a chama de um pensamento indefinido ainda?” (Martins, s.d., II, p.211.).

Como podemos notar, esse *pensamento indefinido* estava sendo gerado, se não especificamente em Portugal, ao menos em toda a Ibéria.

Ao mostrar a trajetória da antiga Espanha católica para a nova sociedade que ainda está se formando como uma *navegação*, que partindo do *velho mundo* busca por entre *nevoeiros* o novo *porto*, ou seja, a futura idéia-síntese que irá congrega a sociedade, Martins acaba por criar um *topos* que será recorrentemente utilizado a partir de então. O destino da península, ou, de forma mais restrita, o de Portugal, será, nessa perspectiva, o de reconquistar um poderio semelhante ao antigo, através de *novas navegações*, desta feita não mais terrenas e sim espirituais. Assim, não só é recuperada a importância das navegações passadas, mas também elas se transformam em paradigma de um futuro a ser atingido. O tempo presente, separado das navegações por Herculano e Antero, de novo a elas se liga, na visão de Martins.

Essa idéia básica ganhará outros desdobramentos no final do século com "San Gabriel", de Camilo Pessanha, publicado inicialmente no *Jornal Único* de Macau em 25 de Maio de 1898, justamente para comemorar o quarto centenário da chegada de Vasco da Gama nas Índias. Nesse poema, em que Portugal é visto como uma nau presa em uma calmaria, o eu lírico, após afirmar: "Que cilada os ventos nos armaram!", pergunta: "A que foi que tão longe nos trouxeram?" (Pessanha, 1973, p.40). Esta questão, em que se pede um sentido ao já realizado, indica que o significado das grandes navegações ainda não se completou, perspectiva que fica ainda mais patente quando o eu lírico pede a San Gabriel para que este de novo abençoe o mar e guie os portugueses à *conquista final*:

Vem guiar-nos, Arcanjo, à nebulosa
Que do além vapora, luminosa,
E à noite lactescendo, onde, quietas,

Fulgem as velhas almas namoradas...
Almas tristes, severas, resignadas,
De guerreiros, de santos, de poetas.
(Pessanha, 1973, p.41)

Apenas chegando a essa nebulosa, em uma viagem claramente espiritual e não mais terrena, é que os portugueses, com a ajuda do arcanjo Gabriel, poderão atingir um novo estado em que o *já feito* ganhará seu verdadeiro significado, em que a *navegação*, iniciada e interrompida no passado, será finalmente completada. O que em Martins era uma analogia entre a missão passada e o destino futuro aqui se converte em uma construção mais intrincada: não apenas existe essa analogia entre os dois tempos, mas o passado não possui um significado em si, já que é apenas o início de algo que só em um futuro poderá se consumir.

Como pudemos notar, se existia uma semelhança entre os raciocínios de Antero e Herculano, ele também pode ser encontrado entre os de Martins e Pessanha. Para estes, em confronto com os dois primeiros, a experiência das navegações possui relação com o presente de Portugal, pois nelas se criou um certo aprendizado que possibilitará ao país, ou a toda a península ibérica, estar preparado para outras formas de navegar, que, em ambos os casos, não mais serão feitas em mares concretos, mas em um outro tipo de oceano, de carácter espiritual.

II – O novo navegar

Será essa diferença básica, entre as posturas dos dois grupos que aqui assinalamos, que estará presente nas perspectivas dos saudosistas, mais próximos de Martins e Pessanha, e na de Sérgio, mais próximo de

Antero e Herculano. Para entendermos as posturas dos primeiros, e os motivos que levaram o segundo a entrar com elas em confronto, é necessário que analisemos o contexto em que o *topos* das navegações aparecerá nos primeiros volumes da segunda série de *A águia*. Esse *topos* estará presente em textos não apenas poéticos, mas também de análise social e intervenção na vida política, escritos pelos intelectuais que, em 1912, constituíam o grupo saudosista⁵.

No primeiro volume aparecem os contornos iniciais desta visão, em parte dispersos em vários textos de Pascoaes e, de forma mais explícita, em dois poemas: o "Regendo a sinfonia da tarde" de Jaime Cortesão e o "O poeta e a nau" de Augusto Casimiro. No primeiro, o eu lírico conclama os portugueses a embarcar "Para as Índias sem fim", pedindo para si, por ser poeta, "a mais alta gávea" (Cortesão, jun. 1912, p.177). O segundo, que sintetiza alguns aspectos importantes do *topos* da navegação em *A águia*, é abaixo reproduzido:

Vai errante, no Mar, uma nau sem governo...
O oceano é chão, o céu azul fundindo em aço...
As velas mortas... Nem sequer vento galerno
As vem inchar para dormir no seu regaço!...

Sobre o antigo convés pesa um velho cansaço,
E ou destino fatal ou maldição do inferno,
O mastro grande em vão aponta para o espaço...

-Sobre as ondas a nau é um cárcere eterno!

Dominando em redor, lá na gávea mais alta,
Um marujo, a cantar, fala do Além, e exalta
Um passado esplendor sobre a nau sepulcral...

⁵ Este grupo possuía como seus principais membros Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Augusto Casimiro, Fernando Pessoa e Leonardo Coimbra. Uma análise sistemática deste período do Saudosismo pode ser encontrada em OLIVEIRA, 1995, p. 79-218.

"Porque o vento há-de vir aninhar-se nas velas!
"Porque a nau voará, - tocará as estrelas!..."

-O marujo é Poeta - e a nau... Portugal!
(Casimiro, abr. 1912, p.129)

Podemos perceber que existem grandes semelhanças entre o texto acima e "San Gabriel" de Pessanha. Apesar desse poema de Pessanha haver sido publicado apenas em Macau, sendo, portanto, em 1912, ainda inédito em Portugal (Cf. Osório, p.149), devemos notar que vários dos poemas do autor de *Clepsidra* eram conhecidos em diferentes círculos de intelectuais⁶, e que, além disso, entre os colaboradores de *A águia* – revista em que foi publicado um poema desse autor, o "Voz débil que passas" – ao menos Jaime Cortesão, sogro de Augusto Casimiro, conhecia nessa época algumas das obras de Pessanha⁷. Todo esse contexto só vem a confirmar a possibilidade de

⁶ Como afirmou Barbara Spaggiari: "Ele [Pessanha] gostava de recitar os seus versos também aos estranhos e era pródigo em dar autógrafos, por vezes até inéditos, a quem lhes pedisse" (Cf. Spaggiari, 1982, p.19.).

Esse conhecimento dos poemas de Pessanha é confirmado, entre outros textos, por duas cartas. Em uma delas, datada de dezembro de 1912, de Sá-Carneiro para Pessoa, temos o seguinte trecho: "Rogava-lhe encarecidamente que me enviasse, para mostrar ao Santa-Rita, os violoncelos de Pessanha e o soneto sobre a mãe – e mesmo mais algum se para isso estivesse. Era um favor que muito lhe agradeceria. Tem apanhado mais versos dele?" (Sá-Carneiro, 1978, p.37). Na outra, enviada por Pessoa a Camilo Pessanha, provavelmente de 1915, ou seja, pouco depois deste período, o poeta de *Orpheu* afirma que "Há anos que os poemas de V. Ex.^a são muito conhecidos, e invariavelmente admirados, por toda a Lisboa." (Pessoa, 1973, p.337)

⁷ Esse conhecimento pode ser comprovado pelo trecho abaixo de uma carta de Sá-Carneiro, enviada a Fernando Pessoa em 10 de maio de 1913:

"Muito interessante e significativo o que me narra do Jaime Cortesão. O caso contado por ele acerca do Dr. Fernando Lopes é simplesmente lamentável. Não sei como um poeta, em todo o caso um poeta, pode achar estranho que se goste do Camilo Pessanha!... Se não conhecesse versos do Cortesão, e me viessem contar isso, eu ficaria fazendo a pior das ideias de semelhante poeta" (Sá-Carneiro, 1978, p.131).

Augusto Casimiro ter tido acesso a "San Gabriel", com o qual o poema acima possui visíveis semelhanças. Em ambos Portugal é um navio parado no meio do mar, imerso em uma calmaria, já que os ventos pararam de soprar. Nos dois existe uma espécie de castigo e/ou maldição, que pesa sobre o navio, expresso por "Que cilada os ventos nos armaram / A que foi que tão longe nos trouxeram?" (Pessanha, 1973, p.40) e pela imagem do mastro grande apontando em vão para o espaço, o que é interpretado como marca de um *destino fatal* ou de uma *maldição do inferno*. É esse navio inerte que Pessanha pede que seja levado à *conquista final* por San Gabriel, numa viagem através das estrelas: O que no poema de *Clepsidra* é uma súplica, no de Casimiro se transforma na fala de um marujo-poeta que está na *gávea mais alta* – posição que, devemos assinalar, o eu lírico do poema de Cortesão, que citamos, solicitava para si, já que era poeta. É dessa gávea que o marujo-poeta afirma, para o navio morto, que o vento de novo inflará as velas, e fará com que a nau voe e toque as estrelas.

Se poderíamos supor, pelas relações que aqui traçamos, que o poema de Casimiro é uma homenagem a Pessanha, afinal ele havia sido o poeta que afirmara a possibilidade dessa *navegação espiritual*, devemos notar que, no interior da revista em que esse texto foi publicado, uma outra leitura é possível. Em *A águia* é Teixeira de Pascoaes a figura central, considerado pelos saudosistas não só o *poeta*, mas também como o *profeta* por excelência. São principalmente as suas profecias que afirmam a possibilidade do *navio Portugal* não simplesmente voltar a se mover, mas de fato atingir conquistas muito superiores às já realizadas. Para esse autor, como deixa expresso em textos publicados no primeiro volume, o país se encontra em um momento

genésico em que a Saudade, para ele síntese entre Cristianismo e Paganismo e centro da alma portuguesa, finalmente revelada através da *nova poesia*, poderá gerar uma nova religião, dando, assim, a resposta necessária a um mundo carente de religiosidade (Cf. Pascoaes, jan. 1912, fev. 1912, mar. 1912). Ou seja, em certo sentido, Portugal poderá *tocar as estrelas*. Por tudo isso, o *poeta* que aparece no poema de Casimiro pode ser ao mesmo tempo Pascoaes e Pessanha, ou, se preferirmos, a voz que, tendo ecoado pela primeira vez nos versos de Pessanha, agora encarna na figura de Pascoaes.

Pelo que dissemos podemos notar que a relação de Pascoaes com as navegações se faz, na segunda série de *A águia*, não apenas pelos textos que escreve – em que, devemos assinalar, as referências às navegações não são muito freqüentes – mas também, e principalmente, pelo papel que ocupa na revista, de uma espécie de capitão desse *novo navegar* que se constrói através da nova poesia portuguesa.

Se no segundo volume de *A águia* encontrarmos textos importantes para alguns aspectos dessas *novas navegações*, eles acabarão por apresentar uma postura muito próxima a das obras que já analisamos. Gostaríamos apenas de apontar que, se pensarmos nos dois primeiros volumes em conjunto, Jaime Cortesão, Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes e Augusto Casimiro constroem, em seus textos, um vasto painel em que algumas *verdades* são insistentemente repetidas⁸. Portugal encontra-se em um momento genésico, de elaboração de uma nova síntese religiosa, momento este que é considerado como herdeiro

⁸ Os textos fundamentais dessa construção são os de Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Augusto Casimiro e Fernando Pessoa, publicados na Segunda série de *A águia*, que estão citados na bibliografia.

de uma série de características, sejam especificamente portuguesas, sejam mundiais, que estão há muito sendo geradas. Dessa forma podemos entender como o fazer poético pode ser elevado, por estes autores, à categoria de *novas descobertas*. Se os navegadores, graças ao esforço de se lançar a espaços ainda não conhecidos e, portanto, ainda não anexados à cultura européia, conseguiram em seu tempo dar à Europa o que ela necessitava, estes *poetas-navegantes* partiam em uma aventura semelhante, a de construir uma nova síntese religiosa, *navegando* por territórios ainda inexplorados, que a Europa precisava, na sua nova ânsia religiosa, de forma análoga à necessidade que tinha tido, no passado, das regiões descobertas pelos portugueses.

Como podemos notar, o que nos textos de Oliveira Martins e Camilo Pessanha era um desejo, se transforma em realidade presente. As navegações, para os saudosistas, já estão ocorrendo e são, como foram as do passado, um esforço coletivo: vários poetas estão realizando, neste novo mar em que se converteu o espaço poético, uma síntese religiosa que terá dois resultados fundamentais: por um lado, fará com que o deserto em que se converteu Portugal, esse país em que os portugueses estão afastados da alma nacional “pelas más influências literárias, políticas e religiosas vindas do estrangeiro” (Pascoaes, fev. 1912, p. 34), possa de novo se transformar em um espaço fértil; por outro, essa nova navegação completará superiormente a missão portuguesa interrompida no passado:

Sim: a alma lusíada tem de completar a sua obra iniciada com as Descobertas. O espírito da aventura, que é a Tentação do Mistério, levou-a por entre o negrume lampejante dos temporais, através dos mares desconhecidos, *por mares nunca de outrem navegados*; e, no seu regresso à pátria terra,

trazia nas mãos o globo descoberto. Eis a nossa dádiva ao género humano. Mas, só por si, o mundo físico é um esboço apenas, é corpo sem espírito.

A alma lusíada precisa completar a sua obra, dando ao mundo material que descobriu, uma nova expressão espiritual, um novo sentido religioso que o torne presente aos olhos de Deus, mais uma vez. Ela precisa, enfim, de concluir espiritualmente o que materialmente iniciou, porque a vida corpórea é o *meio*, mas a vida espiritual é o *fim*. (Pascoaes, 1988, p.173.)

Existe assim, na concepção desses escritores, uma evidente relação entre o navegar e o presente do país. As novas navegações, realizadas pela poesia, estariam completando aquilo que, nas navegações do passado, teria ficado incompleto e por se cumprir.

III- Acordai marinheiros

Será justamente essa visão de um novo navegar que será discutida e questionada por António Sérgio. Se isso ocorrerá, de forma lateral, na polémica que travou com Pascoaes, terá um papel preponderante em outros textos, em especial em dois poemas que, por serem pouco conhecidos, gostaríamos de aqui privilegiar.

No terceiro número da segunda série de A águia, António Sérgio publicará o seu "Apostilha aos Navegadores", em que aparecem muitas das críticas centrais que faz ao Saudosismo e à visão que os escritores desse movimento tinham das navegações:

Ar de névoas... Nem luz, nem sombras... Nevoeiros...
Mar de névoas também... Reflexos turvos... Lago
De chumbo, o mar, e o céu... O Ser-Não-Ser... O vago

E o silêncio, a ilusão, o torpor... - Marinheiros!...

Névoas... Névoas... Nem luz, nem sombras... - Marinheiros,
Marinheiros!... Um ar d'espectros... Triste afago
Do sonho, a sombra-luz e o seu silêncio mago...
E a incerteza, a ilusão, o torpor... - Marinheiros!

-À escota! Ao leme! Andai! Desperta a claridade!
Fugi, prestígios vãos, e sombras da Saudade!
Tudo que foi, além, p'la popa, o mar esconde...

O Passado, esse é morto -e jaz em paz no escuro!
Novos Navegadores, naveguem... Para onde?
Naveguem NO PRESENTE ao rumo do futuro!
(Sérgio, abr. 1913, p.133)

O soneto é bastante explícito. Partindo do tópico da navegação, presente em muitos dos textos saudosistas publicados em *A águia*, Sérgio o altera de forma radical, propondo um outro navegar, não voltado para o passado, forma como interpreta este *navegar saudosista*, mas *no presente* e em direção ao futuro⁹. Qualquer leitor da polêmica entre Sérgio e Pascoaes poderá notar que algumas das críticas que aquele nela fará a este e aos saudosistas já estão aqui indicadas, assim como a visão básica que o autor dos *Ensaíos* possui da história.

Por esse soneto podemos concluir que para Sérgio o *navegar saudosista* é feito de características totalmente inconsistentes, uma repetição de termos sem sentido. Isto é indicado não só através da

⁹ Sérgio parece cair aqui no mesmo equívoco que, segundo Lourenço, a crítica teve em relação à obra de Pascoaes, o de supor que a Saudade é o "reflexo de um pendor *passéista*, forma insuperável de recusar através dela não apenas o presente como o futuro". Como afirmou Lourenço em relação ao autor de *Marânus*, e consideramos válido para o Saudosismo como um todo, é em termos de uma *futuridade* "como horizonte cada vez mais revelador do percurso havido e da verdade nele contida que Pascoaes mitificou a *pátria* e não como mero acontecer-passado a regozar em êxtases de duvidosa plenitude" (Lourenço, 1982, p.109).

insistente repetição de palavras e expressões que remetem para o campo semântico do que é vago e inconsistente, como *névoas, nem luz, nem sombras, torpor, ilusão*, mas também pela própria estrutura dos quartetos, formados por uma sucessão de pequenas expressões, cercadas de reticências, e onde não está presente nenhum verbo. Este discurso sonambúlico só é interrompido pelo chamamento "Marinheiros!", três vezes repetido, como que a querer acordá-los deste sono ilusório.

Os tercetos opõem a este primeiro discurso um tom afirmativo, repleto de verbos e exclamações. O primeiro verso contrapõe aos anteriores não só um *agir* evocado por uma sucessão de imperativos, mas também pela clareza, que destrói a *sombra da Saudade* e seus *prestígios vãos* - e devemos aqui lembrar que um dos significados possíveis para *prestígio* é "ilusão dos sentidos produzida pela magia" (Bastos, 1928, p.1108), ilusão que, para Sérgio, certamente não pode resistir à clareza. Os quatro versos finais deixam bem explícita a forma através da qual Sérgio analisa o tempo: o passado, para ele, é morto, nenhuma serventia tendo para o presente. Apenas este, em constante evolução para um futuro, é que importa¹⁰. É essa, para ele, a única navegação possível.

Como podemos ver, existe nesse soneto uma total desqualificação das propostas e do próprio discurso saudosista. Este movimento, para Sérgio, está em erro, por não navegar para o futuro, e ficar preso não só ao passado, mas a tudo aquilo que, por ser vago e falso, de nada pode servir ao país. Usando a *clareza* de sua razão

¹⁰ Um dos temas que será discutido em vários dos artigos da polêmica Sérgio-Paschoaes será o de se o passado pode ou não fornecer energias para o presente. Para Sérgio é o presente que fornece energias ao passado, sendo este portanto, como ele expressa no poema que estamos analisando, morto, e totalmente inútil.

Sérgio vê nas propostas do Saudosismo uma sucessão de fantasmas e espectros que é preciso exorcizar para que o país possa navegar na correta direção.

Essas idéias de Sérgio serão retomadas, algum tempo depois, em outro poema, "Pela grei", publicado no quinto volume da revista, que abaixo reproduzimos:

PELA GREI

Os que sonham

a Augusto Casimiro,
em resposta à sua carta.

Uma nação que não está a par do seu tempo é
forçosamente uma nação miserável... O gênero humano, que
sempre caminha avante, deixará acaso após si esta porção
de seus membros, chamada nação portuguesa?

ALEXANDRE HERCULANO

Sonhais, amigos meus: sonhais, vagando
No saudoso jardim das ilusões;
Entre um povo de Espectros e Visões
Teceis um sonho etéreo, ingénuo e brando...

A Sombra dos avós-nevoento bando-
Num nimbo vos cercou de cerrações:
A chama, o ardor da vida, os seus clarões,
Ela os muda em sol-pôr, crepusculando...

Ah! meus amigos, como é bela a vida
E a mente clara se arroja à lida,
E à acção, e à idéia, vai chamando os povos,

Revolve a terra, cruza o mar profundo,
- Olhos na busca de horizontes novos,
- Pulso na faina directriz do mundo!

(Sérgio, maio 1914, p.147.)

A dedicatória do poema a Augusto Casimiro¹¹, o poeta saudosista com produção mais sistemática nos três primeiros volumes, já deixa claro quais são os interlocutores que pretende atingir com o soneto. A epígrafe de Herculano também tem objetivos para além do que vem nela escrito: referenda a postura recorrente de Sérgio de se considerar um discípulo e continuador das idéias do solitário de Val dos Lobos. Emoldurado pela dedicatória e pela epígrafe, encontramos no soneto uma postura muito próxima à que existia no "Apostilha aos navegadores". Nele se opõem duas posturas distintas, a dos que sonham – que, por todo o contexto, são os saudosistas, com suas infundadas esperanças de um reerguimento gerado por um passado que não mais existe – e a dos que, agindo com *mente clara*, modificam o mundo¹². Esta oposição entre os dois campos mostra bem, mais uma vez, que a conciliação entre as duas posturas, para Sérgio, é impossível. Ou se sonha fixado em um passado que não mais existe, e fica-se fora do fluxo sempre para adiante que caracteriza a humanidade, como afirma Herculano na epígrafe, ou se entra em compasso com o tempo presente, e se abre ao sol da vida, marchando resolutamente para a frente como então ocorria, na visão de Sérgio, com os principais povos europeus, e em especial

¹¹ Esta dedicatória e o início da segunda participação de Sérgio na polémica - em que é dito "E à sua frente, gládio em punho, pusemos o Pascoaes. - Isto me escrevia há dois meses e meio, anunciando-me o seu artigo que recebi ontem, o nosso Augusto Casimiro" (Sérgio, jan. 1914, p.1.) - parecem indicar que era relativamente freqüente a troca de correspondência entre o autor dos *Ensaíos* e o escritor de "O poeta e a nau", apesar de estarem em campos opostos.

¹² Devemos notar que ambos os sonetos de Sérgio possuem uma visível semelhança com o "A um poeta" de Antero de Quental, poema em que também existe uma oposição entre o dormir e despertar e a presença do sol que "Afugentou as larvas tumulares..." (Quental, 1968, p.52). Certamente as semelhanças, facilmente perceptíveis, servem como uma espécie de reforço para as idéias de Sérgio, que se considerava como herdeiro das concepções do autor dos *Sonetos*.

com a Grã-Bretanha. Assim, temos neste soneto a reelaboração, em forma poética, do que Sérgio vinha recorrentemente afirmou em todas as suas participações na segunda série de *A águia* desde o referido poema publicado no terceiro volume, ou seja, a necessidade de romper com o passado e entrar em contato com o mundo moderno, única maneira de reerguer um país atolado em recordações de um passado que não tem mais existência concreta.

Certamente, como estes sonetos nos mostram, nem os saudosistas poderiam aceitar a postura de Sérgio, nem este a dos membros desse movimento. Pascoaes e Sérgio, ao longo de sua polêmica, acabarão por construir um discurso de surdos¹³.

Nas posturas de Sérgio e Pascoaes podemos notar, como tentamos mostrar neste artigo, um confronto entre duas tradições diversas. Se Sérgio, considerando-se um herdeiro de Herculano e Antero¹⁴,

¹³ Sérgio indicará, em sua terceira participação na polêmica, que não pretendia dialogar com os saudosistas. No início desse texto, afirma: "A tudo, querido amigo, se pode responder, e são todas as discussões por sua natureza eternizáveis; da minha parte, porém, está dito o indispensável, que era mostrar *a outra estrada* aos jovens leitores da *Águia* e da *Vida Portuguesa*: a estrada não-saudosista, não-isoladora, ou não-purificadora. Que cada um deles decida agora. (Sérgio, abr. 1914 ,p.109)."

Em outro trecho, diz:

"Não pretendi convencer saudosistas-natos, porque os sentimentos se não movem pelas alavancas que eu emprego, mas pela Música e pela Facúndia; e porque o Isolamento, se é incombustível como me diz, é comburente como todos os diabos, o que ficou provado na nossa história de três séculos. Falo e falarei para os neutros, os materialões, ou para os que tiverem degenerado do temperamento fantasista, impulsivo, inconsistente - por uns classificado de Idealista e por outros de rejtórico, - que nos formou a velha sina de conquistadores e aventureiros, retardatários da cavalaria." (Sérgio, abr. 1914,p.112).

¹⁴ Essa *filiação*, sempre apontada por Sérgio, pode ser notada, entre outros, no seguinte trecho: "Como a história se repete na nossa terra desgraçada! Pois que significa esta palestra, senão um mínimo episódio (mínimo, decerto, porque eu não sou ninguém) na grande luta portuguesa entre o Isolamento e a Cultura, entre a Inquisição e o Humanismo, entre os Jesuítas e Verney, entre Pina Marques e os *pedreiros livres*, entre

afirma que mais nenhum papel cabe às navegações no presente de Portugal, Pascoaes, e os demais saudosistas, tentarão mostrar que o navegar ainda não está completo, e que é através de um mar de poesias que o futuro do país poderá ser construído.

Se, certamente, no sentido prático, Sérgio tem uma visão muito mais realista do país, e se digladiava com seres que, como ele mesmo virá a afirmar ironicamente, constroem um "mundo fantástico e seráfico onde as montanhas são de mel, e os rios são de leite, e os pássaros dão flor, e das ginjaças brotam homens, como das nossas brotam ginjaças..." (Sérgio, jan. 1914, p.4), será justamente o outro grupo, chefiado por Pascoaes, que, atualizando uma tradição que como vimos se inicia em Martins, virá a formular algumas das intuições básicas que estarão presentes no *Mensagem* de Fernando Pessoa. A visão das navegações como parte de uma missão ainda por se completar, que aparece entre outros no poema "O Infante"; a importância que o eu poético assume em poemas como "A última nau"; e até mesmo a visão de uma nova eucaristia em que se dará a consumação dos tempos, presente em "O quinto império", todas estas construções podem ser vistas como releituras, feitas por Pessoa, de alguns tópicos que já estavam presentes nas reflexões saudosistas.

Assim, se Sérgio reelaborou uma tradição que via as navegações como características de um *tempo passado*, que nenhuma relação possuía com o presente do país, serão os saudosistas, com a sua criação de um *novo navegar*, que fornecerão algumas das vigas mestras que,

os rigoristas e os franceses, entre os Ouriquistas e Herculano, entre o grupo de Castilho e Antero de Quental?" (Sérgio, jan. 1914, p.5)

anos mais tarde, serão utilizadas na obra do principal poeta português do século XX.

Bibliografia

- BASTOS, J. T. da Silva. *Dicionário etimológico, prosódico e ortográfico da língua portuguesa*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1928, 2. ed.
- CASIMIRO, Augusto. A primeira nau. *A águia*, 2ª série, Porto, v.2, n.10, p.125-133, out. 1912.
- CASIMIRO, Augusto. O poeta e a nau. *A águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.4, p.129, abr. 1912.
- CASIMIRO, Augusto. Versos de aleluia. *A águia*, 2ª série, Porto, v.2, n.6, p.10, jul. 1912.
- CORTESÃO, Jaime. *A Renascença Portuguesa* e o ensino da história pátria. *A águia*, 2ª série, Porto, v.2, n.9, p.73-80, set. 1912.
- CORTESÃO, Jaime. *Da Renascença Portuguesa* e seus intuitos. *A águia*, 2ª série, Porto, v.2, n.10, p.118-124, out. 1912.
- CORTESÃO, Jaime. Regendo a sinfonia da tarde. *A águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.6, p.175-180, jun. 1912.
- HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal*. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d (a).
- HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos Tomo V*. 5. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d (b).
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- MARTINS, Oliveira. *História da civilização ibérica*. 10.ed. Lisboa: Guimarães, 1973.
- MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Europa-América, s.d. (2 vol.).
- NOBRE, António. *Despedidas*. 4.ed. Porto: Imprensa Moderna, 1945 .

- OLIVEIRA, Paulo Motta. Em naus que são construídas daquilo de que os sonhos são feitos: a poesia como um novo navegar. IN: CORRÊA, Almir Aquino (org.). *Navegantes dos mares às letras*. Londrina: Ed. UEL, 1997. p.190-199.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. *Esperança e decadência: as imagens de Portugal na segunda série de A águia*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1995. (Tese, Doutorado em Teoria da Literatura).
- OLIVEIRA, Paulo Motta. *Esperança e decadência: as imagens de Portugal na segunda série de A águia. Sínteses*, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, n.1, p.284-301, 1996.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. Fernando Pessoa e o Saudosismo: a nova poesia portuguesa em *A águia*. *Anais do 5º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Oxford-Coimbra: Associação Internacional de Lusitanistas, 1998. p.1157-1167.
- OSÓRIO, João de Castro. Sonetos X e XI . Algumas variantes a considerar. IN: PESSANHA, Camilo. *Clepsidra e outros poemas*. 6. ed, Lisboa, Ática, 1973. p. 148-151.
- PASCOAES, Teixeira de. A era lusíada. *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988. p.155-173.
- PASCOAES, Teixeira de. Mais palavras ao homem da espada de pau. *A águia*, 2ª série, Porto, v.6, n.31, p.1-5, jul. 1914.
- PASCOAES, Teixeira de. Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio. *A águia*, 2ª série, Porto, v.4, n., p.104-109, out. 1913.
- PASCOAES, Teixeira de. Renascença (o espírito da nossa raça). *A águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.2, p.33-34, fev. 1912.
- PASCOAES, Teixeira de. Renascença. *A águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.1, p.1-3, fev. 1912.
- PASCOAES, Teixeira de. Resposta a António Sérgio. *A águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.26, p.33-38, fev. 1914.

- PASCOAES, Teixeira de. Última carta? *A águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.29, p.129-137, maio 1914.
- PESSANHA, Camilo. Voz débil que passas. *A águia*, 2ª série, Porto, v.9, n.50, p.46, fev. 1916.
- PESSANHA, Camilo. *Clepsidra e outros poemas*. 6. ed, Lisboa: Ática, 1973.
- PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico. *A águia*, 2ª série, Porto, v.2, n.9 p.86-94, set. 1912 ; n.11, p.153-157, nov. 1912; n.12 p.188-192, dez. 1912.
- PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada. *A águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.4, p.101-107, abr. 1912.
- PESSOA, Fernando. *Obras Poéticas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983.
- PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986.
- PESSOA, Fernando. Reincidindo. *A águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.5, p.137-144, maio 1912.
- QUADROS, António. *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1989.
- QUENTAL, Antero de. *Prosas sócio-políticas*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- QUENTAL, Antero de. *Sonetos*. 2.ed. Lisboa: Sá da Costa, 1968.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Cartas a Fernando Pessoa I*. Lisboa: Edições Ática, 1978.
- SÉRGIO, António. Pela Grey Os que sonham. *A águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.29, p.147, maio 1914.
- SÉRGIO, António. Apostilha aos navegadores. *A águia*, 2ª série, Porto, v.3, n.16, p.133, abr. 1913.
- SÉRGIO, António. Despedida de Julietta. *A águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.28, p.109-112, abr. 1914.
- SÉRGIO, António. Epístolas aos saudosistas. *A águia*, 2ª série, Porto, v.4, n.22 , p.97-103, out. 1913.

SÉRGIO, António. Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago. *A águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.30, p.170- 175, jun. 1914.

SÉRGIO, António. Regeneração e tradição, moral e economia. *A águia*, 2ª série, Porto, v.5, n.25, p.1-9, jan. 1914.

SERRÃO, Joel. Gênese e estrutura do pensamento sócio-político de Antero de Quental. IN: QUENTAL, Antero. *Prosas sócio-políticas*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982. p. 9-95.

SPAGGIARI, Barbara. *O simbolismo na obra de Camilo Pessanha*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.